

Maria Correia

Psicóloga mariacorreiafilha@yahoo.com.br

Páscoa! Mudança! Comprometimento

Podemos dizer que uma das maiores festas da cristandade é a Páscoa que vem evadida de sentimentos de mudança e de comprometimento com a Campanha da Fraternidade para amolecer o coração dos "cheios de si", tendo com lema: "não se pode servir a dois senhores"; além do mais é ecumênica (Campanha da Fraternidade 2010).

Pensemos na Festa do Amor Maior – Jesus ressuscitou! E amar, como diz o apóstolo Paulo, é o cumprimento da Lei. A caridade é apenas uma parte, uma das estradas pela qual o homem pode chegar ao próximo. Entretanto, há muita caridade sem amor. É mais fácil e mais barato dar uma moeda ao pobre - esse gesto nos alivia e nos deixa menos culpadas da miséria e do seu cruel e triste espetáculo.

Não vem ao caso o exemplo de Madre Tereza de Calcutá quando interrogada por que em vez de dar a esmola, não ensinava o pobre a pescar, e ela respondia que, muitas vezes, ele estava tão fraco e faminto que não tinha condições de segurar o anzol.

Queremos paz. Falamos em paz. Desejamos paz. Pregamos a paz. Queremos, desejar não bastam. Falar, pregar não resolve. É preciso que cada um arregace as mangas e faça a sua parte. Nós somos, existimos como seres de relação. Nada que diz respeito ao outro deve nos parecer estranho. Esse existir como sentimento de pertença exige responsabilidade e engajamento de nossa parte. Somos todos responsáveis uns pelos outros. Somos corrente, nós nessa cadeia de relação. Não esperar pelo outro. Fazer a sua parte, sentir-se co-responsável indica que compreendemos e vivemos o sentimento de pertença. A física quântica afirma que o que eu faço aqui, como ajo, repercute no mundo inteiro.

Qual o maior mandamento? "Amar a Deus sobre todas as coisas – e depois – amar o próximo como a si mesmo". Se eu não amo a mim que estou vendo e tocando e sentindo como posso amar a Deus e ao próximo? Será que amamos a Deus sobre todas as coisas? Será? Primeiro vem as nossas preocupações, as nossas carências, as nossas dificuldades com o amanhã. O sentimento de culpa com o outro, ou de indiferença, sem nos deter no hoje. Se amássemos Deus em primeiro plano viria a confiança no seu amor infinito e misericordioso. Amaríamos a nós mesmo e aos outros. A indiferença e a violência diminuiriam por estarmos enlaçados no Amor Maior que nos deu seu Filho Unigênito para morrer na cruz por nossos pecados. Padre Léo diz em um de seus livros que os pecados da humanidade foram perdoados pela morte de Cristo. Falta deixarmos de obedecer ao inimigo.

Não nos preocupamos parece ser a receita de cada um a dizer o outro o que ele próprio talvez não faça. Quanto a amarmos o próximo como a nós mesmos, será que amamos? Aceitamos o fluir das coisas no tempo ou nos angustiados por não poder mudá-las? Fazemos e temos tantas qualidades positivas e não nos lembramos nem nos presenteamos por isso?! Se faço isso a mim mesmo como está a relação com o meu próximo mais próximo com quem achamos difícil de conviver?

É saudável que nos amemos. Que vivamos em sintonia conosco mesmos. Que nos sintamos parte do todo, com o outro, com a natureza, com Deus. Você pode não realizar grandes coisas, mas se as pessoas sentirem que o seu coração irradia amor, elas podem não entender o que você fala, mas sentem o amor que irradia do seu coração.

Se você se ama não se agride, não se violenta, não se destrói, não se diminui, não se lamenta; se você ama o próximo não vai falar mal dele, julgá-lo, criticá-lo, roubá-lo, condená-lo: não se faz isso com quem se ama.

Henri Drumond afirma que "deixar de amar significa dizer que Deus já mais inspirou seus pensamentos, suas ações, suas vidas, que nunca chegou perto Dele, que não foi tocado por Ele". E acrescenta: "se você pensa por você mesmo é como se Jesus jamais tivesse vivido, jamais tivesse morrido", jamais tivesse ressuscitado.

Mas Ele viveu, morreu, ressuscitou. Tudo para salvar o homem do seu egoísmo, do seu fechamento, da sua ignorância.

Deixo como mensagem final as profundas palavras de Henri Drumond: "não há necessidade de testemunhas entre você e Deus. Você será julgado pelos famintos, pobres, desnudos, desabrigados, violentados, doentes, encarcerados. Do amor que você podia ter dado e não deu. Do aconchego, do consolo, dos copos de água que poderiam ter sido dados e não o foram.

Feliz Páscoa! Deus esteja sempre presente em cada pessoa não tão-só nesta que representa mudança, mas em cada momento do tempo e em cada ponto de espaço como o sumo be m, o Eterno Agora, o Senhor Deus Onipotente e Misericordioso, o Filho Bem-Amado do Pai. Alegrei-nos! Cristo ressuscitou! Feliz Páscoa!

A queda do prostíbulo

Toda cidade conhecia de sobra a coragem do vigário; homem jovem, de seus vinte e poucos anos, franzino e sem papas na língua, já dera provas do seu destemor.

Conhecedor profundo de ciências humanas, a todos encantava com o seu verbo fácil e grande poder de convencimento. Diziam até que havia estudado em Roma, como depois foi comprovado. As solteironas ficavam embebedadas com a prosa do padre Chico Pereira. As más-línguas diziam que tinha um xodó com a beata Dasdores, coisas de cidade pequena e gente desocupada. Mas a verdade é que era por todos querido e respeitado, menos pelos poderosos e mandantes que tinham o envolvimento em torno de sua figura carismática.

A comunidade se recorda de um episódio que marcou a sua passagem por Conceição do Piauí. Cidade pequena de povo atrasado e desocupado, vivia momentos de aflição e revolta. Ninguém entendia como uma cidade de gente tão devota e trabalhadora se tornasse, de um momento para outro, num verdadeiro caos; só sendo mesmo coisa do demônio, que gente daqui não podia ser. Só mesmo um castigo.

Toda essa revolta se justificava pela recente instalação de um cabaré, por João Cego, na saída da rua principal, verdadeira afronta às recatadas famílias, que viam naquilo a perdição e a depravação por completo da pequena comuna. Era demais. Não. Não podiam tolerar mesmo. Teria que haver um jeito.

As mulheres mais afoitas se reuniam e discutiam em voz alta; as mais acanhadas ficavam quietas, brechavam todo aquele alvoroço pelas frestas das janelas. As moças, essas, coitadas, permaneciam fechadas a sete chaves. Que moça solteira não podia sequer ouvir falar naquela perdição. Quanto aos homens, se faziam revoltados apenas para manter as aparências e evitar as brigas em casa. Mas, na verdade, estavam mesmo era gostando.

De repente, do meio da multidão, surge uma solução; iriam todos falar com o delegado de polícia. Mas esse alegou que só poderia intervir com um mandato judicial. Como na cidade não havia juiz, a coisa ficou como estava. Surgiu outra ideia: iriam falar com o prefeito João Mangueira e exigiriam providências. Mas essa também não surtiu efeito. O homem era jovem e mulherengo, não tinha o mínimo interesse em se livrar das "negas". Alegou uma coisa e outra e tirou o corpo.

A multidão voltou acobalhada para casa sem atinar para quem apelar. Muitos já acreditavam que a causa era perdida, quando alguém apareceu com a ideia salvadora: iriam falar e expor o problema para o padre Chico Pereira. Somente ele é que poderia dar um jeito. Dito e feito. O vigário tomou as dores para si e expôs a solução no sermão da tarde. Iriam todos, ele na frente e exporiam o problema a João Cego; se o mesmo se negasse em fechar o prostíbulo e mandar as mulheres de volta para Serra Talhada, só via uma saída: quebrar tudo no pau.

E foi o que aconteceu. A multidão enfurecida, ante a negativa do proprietário e com o vigário à frente, arrasou tudo. Não restou nada que pudesse ser aproveitado. João Cego, de mãos na cabeça, sem poder fazer nada, ganhou as capoeiras seguido por suas "negas", a fim de livrarem-se do linchamento.

Desde esse dia, ninguém teve mais a afoiteza de instalar outro cabaré naquela comuna.

Carlos Henrique Leite, escritor

Festival regional de música marca os 51 anos de Ibiara

Na língua tupi-guarani Ibiara significa "terra que tem dono". E são milhares de donos, seus próprios filhos: prestes a completar 51 anos de emancipação política, o município tem hoje uma população estimada em 6.304 habitantes e é o 9º mais populoso do Vale. Seu eleitorado atual é de 4.450 votantes e seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) 0,589.

Do início da povoação, em 1874, quando Joaquim Lopes Ribeiro e sua esposa chegaram ao local e construíram uma casa que servia de pousada para tropeiros e viajantes em trânsito para Conceição e Misericórdia, até hoje, já se vão 136 anos. O arraial fundado por Joaquim virou vila, depois distrito com o nome de Santa Maria, até se emancipar pela lei estadual nº 2041 de 17 de abril de 1959: nascia o Município de Ibiara.

Com o seu desenvolvimento urbanístico e populacional, principalmente depois da emancipação, Ibiara hoje nada mais lembra os tempos do desbravador Joaquim Lopes, a não ser a devoção à padroeira Nossa Senhora do Rosário, que deu nome à capela construída pelo pioneiro em 1891 e em torno da

qual surgiu a povoação.

No próximo dia 17, Ibiara comemora 51 anos de emancipação política e o prefeito Pedro Feitoza (PT), juntamente com sua equipe administrativa, está preparando uma grande festa para marcar a data. Além da festa em praça pública com bandas, entre elas Forró Bom D+, a partir das 22 horas, eventos artísticos e culturais também constam da programação festiva elaborada pela Prefeitura, entre os quais o festival regional de música, que vai atrair cantores e compositores de todo o Vale.

A final do festival, que ocorrerá às 18 horas no calçadão Afonso Kehrle Filho, vai premiar o melhor compositor e interpretar em duas categorias: a estudantil, restrita aos estudantes da rede pública do Município, e regional, aberta a cantores de qualquer Município da região.

Ainda no dia 17, haverá missa, às 10h, celebrada pelo padre Eirivânio de Sousa de Assis, e antes alvorada festiva e hasteamento das bandeiras nacional, estadual e municipal. Também integra a programação, o lançamento de um CD musical da cantora Patrícia Gomes, mas este evento será no dia 16.



Pedro Feitoza está no seu segundo ano de governo

Projovem pode ultrapassar as 1.500 vagas na região

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) disponibiliza, desde o dia 4 de abril, cerca de 370 mil novas vagas para o programa Projovem Adolescente em todo o país, que é um serviço socioeducativo coordenado pelo ministério para jovens de 15 a 17 anos. Essas vagas serão distribuídas a 2.511 municípios brasileiros, sendo que, destes, 1.074 ainda não executam o serviço.

Os municípios foram selecionados levando-se em conta alguns critérios, como possuir pelo menos um Centro de Referência de Assistência Social (Cras) e reunir, no mínimo, 40 adolescentes cujas famílias recebam o Bolsa Família.

O MDS está ofertando 325 vagas para seis municípios da região este ano. Nova Olinda e Olho D'água, que ainda não executam o programa, são os dois maiores contemplados: são 75 vagas para cada um deles. Já Itaporanga e Catingueira poderão aumentar o número individual de beneficiados em 50.

Já para Santa Inês, outro município que não executa o programa na região, também estão sendo ofertadas 50 vagas.

Coremas é outro município beneficiado com ofertas de vagas do Projovem Adolescente. O MDS está destinando mais 25 vagas para os jovens coremenses.

O Vale do Piauí possui atualmente 1.500 beneficiários do Projovem distribuídos entre 15 municípios. Esse número de jovens beneficiados iniciou o programa em 2008 e concluiu no ano passado. Em razão disso, para confirmar o interesse pela continuidade ou adesão ao programa, o gestor municipal deve preencher o Termo de Adesão e Compromisso do Projovem Adolescente até o dia 31 de maio de 2010. O documento está disponível no endereço www.mds.gov.br/suas.

Igaracy, Piancó e Santana de Mangueira são os municípios que têm o maior número de beneficiários do programa na região. Cada um deles possui 200 vagas do Projovem. Em seguida, Conceição (175 vagas), Itaporanga (150 vagas), Nova Olinda (125 vagas), Coremas (100 vagas) e Diamante (75 vagas) são os outros melhores atendidos. Já os municípios de Aguiar, Boa Ventura, Emas, Catingueira têm 50 vagas cada um. Os municípios de Pedra Branca, Ibiara e Serra Grande possuem 25 vagas cada.

Com a oferta de vagas para seis municípios da região este ano, Itaporanga e Nova Olinda passarão a ter 200 jovens beneficiados, cada um deles, com o programa; Coremas ficará com 125; e Catingueira subirá para 100 jovens contemplados.

De acordo com o MDS, Curral Velho, Olho D'água, Santa Inês, Santana dos Garrotes e São José de Caiana são os únicos municípios do Vale que ainda não executam o Projovem Adolescente. Com a oferta de vagas para Olho D'água e Santa Inês, o Vale pode passar para 17 o número de municípios executores do programa do Governo Federal.

Coordenado pelo MDS, o Projovem Adolescente destina-se a rapazes e moças de 15 a 17 anos integrantes de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família ou vindos de outros programas sociais. O programa oferece atividades que desenvolvam as potencialidades de seus participantes e que estimulem o convívio familiar e a participação cidadã. Tem a duração de dois anos e é executado nos Centros de Referência de Assistência Social (Cras), parte deles cofinanciada pelo ministério.

O valor mensal dos recursos repassados pelo Ministério do Desenvolvimento Social para os municípios é de R\$ 1.256,25 para cada grupo de 25 jovens. Ou seja, municípios com 50 participantes receberão R\$ 2.512,50 mensais.

Paulo Conserva

folhadovali@yahoo.com.br

Reminiscências Navais (*)

Abril de 64, dia 23! Data consagrada ao valente São Jorge, festança de Ogum, o heróico santo guerreiro. Nas igrejas, velas acesas, promessas feitas e por fazer, especialmente alimentadas pela fé cristã; nos terreiros de macumba, muita cachaça, um foguetório medonho, os tambores tocando sem parar. Até parecia desfile de Sete de Setembro! Fui despertado nesse dia em meu tugúrio no bairro de Vaz Lobo com o barulho dos fogos de artifício e dos tambores de um xangô próximo. No alto da favela ouvi a voz maravilhosa de Elza Soares entoando – graças ao rádio portátil de um operário vizinho que preparava a sofrida e subnutrida marmitta -, um samba-canção cujo título já nem recordo. Assustei-me com o ruído do foguetório! Pensei, de início, entre sonhos, pesadelos e a realidade próxima, que o povo combatia de armas em punho a ditadura instalada dias antes. Puro engano, porém! Minutos depois seria preso por uma escolta de fuzileiros navais comandada pelo Tenente Azeredo, oficial imberbe, de gestos delicados, mordido pelo veneno do complexo. Impotente para algumas reações eminentemente humanas, eis que agora descarregava suas frustrações pessoais sobre o adversário vencido.

- Filho da puta! – Gritou o oficial pederasta – vou quebrar a tua cara. E partiu para mim, a pistola na cintura, dez ou doze sicários à sua retaguarda, porém foi contido por um colega: "Estás louco, Azeredo?" – Advertiu perguntando o Tenente Roberto, integrante da escolta, segurando seu braço direito ameaçador, antes de afirmar que eu deveria considerá-lo-me preso. Levado com escolta para o CENIMAR, ali fui interrogado pelo capitão Astolfo que, desde o início, demonstrou conhecer bem meus antecedentes. Foi então que recordei uma expressão demasiadamente otimista do Tenente Ferro Costa por aqueles dias, qual seja a de que o Centro de Informações da Marinha "não funciona para nada". CENIMAR é uma merda, Conserva. Não serve pra coisa alguma" – gargalhou o amigo. Aparentando gentileza incomum o oficial de contra-informações não começou fazendo perguntas. Preferiu conversar um pouco, conquistar minha simpatia, ganhar minha confiança pessoal. Então desconfiei de tanta bondade, pois pareceu-me demasiada amabilidade de sua parte. Compreendendo que estava preso, assumi meu novo "status". – Eu sei que você é um jovem inteligente, de formação religiosa, inclusive ex-seminarista. Confesso-lhe que não sou católico e sim protestante. Aliás, Conserva, conversei muito com Anselmo em minha casa onde ele foi almoçar várias vezes. Falamos em religião, da situação política nacional, de vários temas. Um momento, por favor: você toma café?

- Obrigado, capitão – respondi intrigado diante de tanta gentileza ao entender que meu interrogador iria entrar no assunto propriamente dito após aquele brinde inusual. Aparentemente Anselmo era o companheiro mais odiado pela ditadura. No entanto, chegou o taifeiro com o café e o próprio capitão serviu-me uma xícara. "Você fuma, Conserva? Talvez não goste de Continental – insistentemente benevolente atirando a carteira sobre a mesa.

- Obrigado, capitão – minha desconfiança aumentava. - Aliás, Conserva... quem estava com você no assalto ao cofre forte dos Correios na Praça XV – perguntou de supetão, os olhos fixos nos meus, o rosto enrijecido, sério e frio, de forma resoluta. O clima agora era outro. Uma pancada na caixa dos peitos. Neguei de forma incisiva conhecer tal ação. E, realmente, a desconhecia. O capitão persistiu no tema afirmando que além de mim ali estivera o Cabo Anselmo, porém ele necessitava saber e conferir outras informações. "Então você nega que participou do assalto comunista à sede dos Correios e Telégrafos? – gritou irado e berrou histérico, o punho fechado na direção do meu rosto indefeso. "Os informantes do CENIMAR estão trabalhando muito mal, capitão. "Mas você sabe do assalto ou vai negá-lo também?!... "Estou sabendo agora – respondi mais confiante porque senti que o meu verdugo cedia quanto à primeira pergunta. Ou seja, atirara uma verde para colher uma madura. Em dado momento entrou na sala o capitão Waldemar, oficial de máquinas do Cruzador Barroso, o corpo de halterofilista, mãos grossas de gorila branco, pescoço de elefante. Certamente ouvira nossa conversa, situado numa sala contígua. Chegou rancoroso, ofensivo, insultante, como se toda aquela cena tivesse sido ensaiada: "Este Conserva é um covarde, Astolfo... deixa ele comigo porque comigo o negócio é diferente. Comigo não tem papo furado, seu Conserva... ou vai ou racha... eu não sou o Astolfo que é religioso e humano... eu sou bruto mesmo... então, comigo você vai falar, seu putô – e novamente um soco na cara que jogou-me ao chão. Fez-se ligeiro silêncio até que o capitão Astolfo resolveu continuar, enquanto o seu colega assistia de pé o primeiro interrogatório. O primeiro dos tantos que eu enfrentei dias depois. Abrindo uma gaveta do seu birô vi quando o capitão Astolfo colocou sobre a mesa uma pasta de papéis em cuja capa aparecia meu nome, número e outros dados que me identificavam. Recordei novamente que meu amigo Ferro Costa subestimara a eficiência do CENIMAR, cujos agentes são treinados em informação e contra-informações pelos elementos da CIA, nos "States". Um a um, o capitão Astolfo foi colocando sobre a mesa os recortes do jornalzinho TRIBUNA DO MAR à bordo do Cruzador Tamandaré, relacionados com a AMFNB. Como estavam datilografados e neles não constava minha assinatura pessoal, sequer uma letra, neguei a autoria dos mesmos, menos de uma poesia, algo romântica, publicada recentemente. Todo esse material – excerto recortes de jornal - havia sido subtraído dias antes durante a inspeção à bordo. Devidamente fotografado ali estava na minha frente – desafiando o próprio autor, que, sem forças, sentia a frustração de um pai que não reconhece os próprios filhos.

- Esta poesia é sua Conserva? – Você não pode negar o óbvio... - Sim, senhor... eu escrevi esta poesia. - Isto é subversão da ordem... estímulo à desordem – gritou a todo pulmão e tive medo de outro soco na caixa dos peitos. Seria a terceira porrada. E recordei-me de Pablo Picasso. Interrogado por um coronel nazi-fascista, após a tragédia da heróica República Espanhola, sobre quem pintara o quadro GÜERNICA – aldeia destruída brutalmente pelas bombas dos aviões hitlerianos a serviço de Franco – "foi você quem fez isto?" -, respondeu friamente: "Não, coronel... foram vocês. O capitão Waldemar, com seu estilo "fleuryano", leu e releu o poema solicitado ao colega e esbravejou nas minhas ventas: "Como obra poética isto é uma simples merda, um incentivo à subversão" – afirmou de dedo em riste antes de acrescentar-me informações sobre sua árvore genealógica, informações aquelas que não me interessavam um pepino e que aqui reproduzo fielmente para manter o equilíbrio do meu testemunho: que era ele um homem de origem humilde, nascido ou parido no campo, filho de modesta suboficial da Marinha que se sacrificara para educar seus filhos e que, pelo seu corpo não corria o "sangue azul" como dizíamos com respeito aos oficiais da Armada. Abriu a porta e retirou-se. A primeira parte do improvisado show finalizara. Foi então oficializada a minha prisão. "Conserva – falou o capitão Astolfo -, você ficará preso para averiguações. Seus antecedentes não me autorizam a libertá-lo. Você irá para a Ilha das Flores na próxima lancha que atracar no cais do Arsenal." Naquele tempo havia muitas lanchas para a Ilha das Flores. Nunca o transporte marítimo funcionou tão bem neste país! Chamada a escolta de fuzileiros navais lá me fui para unir-me a outros companheiros, em substituição aos comerciantes ladrões agora liberados pelo golpe militar. Na lancha, entre as ondas escuras da Baía da Guanabara, e sobre as pontas das Baionetadas caladas, recitei novamente APÊLO À JUVENTUDE.

"Lutar... lutar sem fim, até a morte
Conquistar um ideal tão benéfico
É o dever sincero e que eu vejo
De um povo heróico e de uma raça forte

E a ti, povo fardado, aqui evoco
Num brado de civismo e confiança
Este Brasil é teu, é meu, de ninguém
mais...

Que importa um sacrifício, a própria morte
Se nosso destino, a nossa própria sorte
É conquistar o sonho dos nossos ancestrais?"

Para frente, meu Brasil, grande gigante
Tua retaguarda vamos guarnecer

Nós, juntamente, operários, estudantes
Não temeremos lutar até morrer

* Do livro **Navegando no Exílio – Memórias de um Marinheiro**